

Editorial

O INeC revisitado em tempos de pandemia

No Brasil como um todo a epidemia do novo coronavírus avança, particularmente em direção a cidades do interior do país onde a falta de estrutura de acolhimento social, insuficiência estrutural e de pessoal para atendimento médico e, sobretudo, as precárias condições sanitárias não oferecem as condições para o tratamento dos pacientes. Em consequência disso, os pacientes estão sendo levados para as capitais, onde o número de casos de Covid-19 estava diminuindo.

Neste momento, não há mais leitos vagos nas UTIs dos hospitais públicos em Natal. Se você apresentar sinais da Covid-19 espere as 37 pessoas na fila serem atendidas com o mesmo problema que você. Quando chegar sua vez, mas se estiver longe do hospital, aguarde mais um pouco porque as ambulâncias do SAMU só estão atendendo urgências e a sua falta de ar ainda está só começando. Pode ser que quando a ambulância chegar lhe falte o ar e não consiga mais respirar. O sistema é bruto. Isto que está acontecendo em Natal está se reproduzindo em várias cidades do Brasil; a lista é grande e a pandemia está se agravando. Quem tem recursos financeiros procura a emergência médica e os leitos do Einstein ou do Sírio-Libanês que atendem a qualquer hora sem ordem de chegada. O prefeito de Manaus não quis ser atendido pelo sistema público de saúde de sua cidade e foi para um desses leitos em seu jato particular. Bolsonaro com Covid-19 está sendo tratado no próprio Palácio da Alvorada.

Desde a morte de George Floyd foram tantos os atos de revolta e repulsa manifestados pelo mundo afora, principalmente dos jovens, contra um sistema que está sacrificando gente sem dó, que nos faz pensar na existência de um projeto de humanidade. Ele está em curso? Sim, vale a pena evitar a todo custo a contaminação pelo coronavírus para assistir os avanços desse projeto. Entretanto, no Brasil, muito ainda tem que ser feito. Ainda estamos muito longe de um sistema de saúde digno do nome. O SUS deveria ser do povo, que como o polvo tenta se agarrar a qualquer coisa que lhe salve a vida. O primeiro-ministro da Inglaterra Boris Johnson se tratou num



INeC

hospital público, aqui a carência de insumos, respiradores e medicamentos não garantem a sobrevivência. No caos que se transformou o nosso sistema de saúde, o discurso do desgoverno Bolsonaro passa a ideia de que máscara, quarentena e

prevenção é uma apologia do programa “faça você mesmo” ou “salve-se quem puder”. Quais os recursos que a população indígena possui para prover um sistema de abastecimento de água potável para a sua comunidade já que o governo vetou este tipo de serviço para esse povo. Tanto quanto os índios, os negros, os pobres e os favelados vão morrer de qualquer jeito, esta doença é como uma chuva, todos vão se molhar, como declarou inescrupulosamente o presidente. Neste contexto, o governo dá de ombros a R\$ 28 bilhões aprovados pelo congresso e já reservados para ações na pandemia que seguem parados e sem previsão de quando serão desembolsados. Temos que continuar cobrando um mínimo de sensatez desse governo e ações que protejam a população de uma política nefasta que põe em risco a própria sobrevivência dos desassistidos.

Quando quase 70 mil pessoas morrem numa pandemia associada a questões de miséria e desenvolvimento social precário como vemos no Brasil, todos têm que fazer sua parte para ajudar a reverter esse quadro. Neste contexto, todos devemos nos unir, INeC incluído, para estabelecer programas que efetivamente ajudem a mudar o panorama de deterioração de itens críticos de assistência, de saúde e sanitários fundamentais para a dignidade das pessoas e para sua inclusão social.

Nesse momento de isolamento estamos tendo tempo de revisitar as nossas metas e propósitos para sermos melhores. Enquanto ainda estamos atravessando este túnel é hora de pensar na reconstrução que nos espera do outro lado. O INeC já colocou sua infraestrutura e instalações à disposição dos órgãos públicos para fazer o melhor uso para conter o avanço dessa doença devastadora (cadastro 1286/04-2020, SMS/PMRP). Na esteira desse processo, formulamos uma proposta de implementação de serviços voltados para atender pessoas com ansiedade, depressão e outros distúrbios mentais decorrentes do alastramento do coronavírus que se tem somado ao descaso dos órgãos oficiais de Saúde pública no Brasil que fragilizam a dignidade das pessoas e previnem a inclusão social (ver homepage www.cerebro-inec.org/projeto). A proposta repercute a posição da OMS que entende que “a saúde mental ruim é uma causa e uma consequência da pobreza, educação comprometida, desigualdade, problemas de saúde, violência e outros desafios globais” e é particularmente congruente como parte da Iniciativa Global de Pesquisa em Saúde e dos Grandes Desafios no Programa Global de Saúde Mental da OMS. Basicamente, consiste na abertura de serviços essenciais em Saúde Mental baseados na experiência bem-sucedida de países como o Canadá e em programas globais de resgate de condições dignas de vida para a população. Essas ações devem ser somadas e agregadas ao que o INeC vem realizando através da organização das inúmeras reuniões científicas e atividades de difusão do conhecimento promovidas ao longo de seus 12 anos de existência, seguindo sua vocação desde sua fundação em setembro de 2007